

PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHA
JULHO - DEZEMBRO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 18
ISSN: 2176 - 5960

FONTES CLÁSSICAS ACERCA DO CETICISMO DE ARCESILAOS DE PITANÊ PARTE I: AGOSTINHO DE HIPONA

Roberto Antônio Câmara Zarco
Doutor em filosofia pela UERJ
Professor de Filosofia da UFF

RESUMO: Primeiro de uma série de artigos que pretende fazer um crítico e filosófico levantamento das fontes Clássicas acerca das filosofia e atividade filosófica de Arcesilaos de Pitane, propõe demonstrar a inviabilidade de utilizar-se de Agostinho de Hipona, e sua obra *Contra Academicus*, no executar deste intuito. Para tanto, intenciona-se apresentar *Contra Academicus* enquanto livro inserido num contexto anti-estoico e cristão, típicos de um autor patrístico como Agostinho de Hipona.

PALAVRAS-CHAVE: Ceticismo. Academia. Agostinho. Arcesilaos. Platonismo.

ABSTRACT: First of a series of articles which aim to collect, in a critical and philosophical way, the Classical sources to Arcesilaus' philosophy and philosophic activity. This article tries to demonstrate the infeasibility in using Augustine of Hippo and his work *Contra Academicus* as a way to access Arcesilaus' life and thought. To prove this, *Contra Academicus* is exposed as a book created in an anti-stoic and Christian context, typical to a patristic author as Augustine.

KEYWORDS: Skepticism. Academy. Augustine. Arcesilaus. Platonism.

Introdução

Os estudos acerca do Cepticismo Clássico¹, sempre ocuparam lugar de destaque na pesquisa acadêmica contemporânea e internacional (principalmente, entre pesquisadores de países anglófonos e germanófonos). Contudo, mesmo dentre estes pesquisadores poder-se-á dizer, sem muito medo de equívoco, que o esquadrihar e avaliar filosófico da importância, propostas e problematizações imanentes ao pensamento “cético” inaugurado na Academia platônica por Arcesilaos [Ἀρκεσίλαος], trata-se de fenômeno que tão-só ganhou força nos últimos cinquenta anos. Não que *a priori* na década de 1960 se desconhecesse a figura do filósofo em questão, ou, tampouco, a Antiguidade Clássica tivesse-lhe veementemente ignorado, pois, pelo contrário, filósofos da estatura de Cícero e Sexto Empírico, por exemplo, "mergulharam" com preocupação e zelo nos dilemas propostos por Arcesilaos. Deve-se ainda inferir que sequer encontrou-se em tempos hodiernos quaisquer "obras perdidas" compostas por este pensador para que, de súbito, um interesse por sua filosofia viesse à tona de maneira recrudescida.

Porventura, o motivo da crescente atenção recente por parte de acadêmicos internacionais de vulto no escolarca Acadêmico e filósofo Arcesilaos poder-se-á melhor entender, se pensarmos como força motivacional ao perscrutar de seu pensamento, algo de importância relativa à História da Filosofia. Arcesilaos, iluminado por archotes ardentes em questões dessa órbita, amiúde recorrentes nos derradeiros cinquenta anos, descortina-se uma figura emblemática à compreensão de um complexo e volátil momento da Filosofia Antiga. Momento no qual duas "correntes filosóficas", a Cética e a Acadêmica, e que influenciaram séculos porvir de produção filosófica, encontrariam seus limites, tensões e reavaliações sistemático-metodológicas. Isto pelo motivo de que Arcesilaos aparentemente se faz, enquanto filósofo, uma pensante reunião antitética ao visar aglutinar em-si-mesmo tons Acadêmico-socráticos e “Cético-pirronistas”. Protraindo uma imagem do que, hoje, poder-se-ia entender como a grande tensão da

¹ Por "Cepticismo Clássico" aqui se compreende o lograr cético, tanto "escolar" quanto metodológico, desvelado no período dito Helenístico da Filosofia Clássica. Destarte, tratar-se-á de um fenômeno que terá suas origens nas puramente pirronistas reflexões [Pirro de Elis (~ 365 a. C. ~ 270 a. C.)] até as considerações de Sexto Empírico [160 - 210 d.C.]. Tal recorte não é matéria inteiramente nova, já que se harmoniza com similar consideração de Hankinson (cf. HANKINSON, R. J., *The sceptics*, col.: *The arguments of the philosophers*, Nova Iorque: Routledge, 1998, pp. 4 - 6).

Antiguidade filosófica através da antítese entre uma doutrina dialética, indelével à Academia e ao socrático platonismo, e uma metodologia cética supostamente inaugurada *a priori* por Pirro.

Os estudos *arcesilaosianos* dependem, todavia, de amplo, incansável e cuidadoso tratamento das indiretas “fontes bibliográficas Clássicas” a-se-utilizarem na tentativa de reconstrução de seu pensamento e atividade filosófica. Arcesilaos, contrariamente a diversos de seus contemporâneos, como, por exemplo, Teofrasto, Crisipo e Xenócrates, não foi um prolífico escritor², sendo, em verdade, um “autor de silêncios literários”, nada escrevendo por sua própria pena:

καίτοι γ' οὐδὲ Πυθαγόρας ἔγραψεν οὐδὲν οὐδὲ Σωκράτης οὐδ' Ἀρκεσίλαος οὐδὲ Καρνεάδης, οἱ δοκιμώτατοι τῶν φιλοσόφων.³

E, contudo, mesmo Pitágoras nada escreveu, nem tampouco Sócrates, Arcesilaos, (e) Carneades, os quais foram os mais estimados dentre os filósofos.⁴

O motivo amiúde apontado, desde a Grécia Antiga, para negação de Arcesilaos em escrever o que quer que o valha está na escolha de Sócrates como seu “modelo filosófico”. Ou seja, tanto quanto Sócrates, Arcesilaos recusou-se a escrever qualquer obra. Como se corrobora nos primeiros ou socráticos diálogos platônicos⁵, Sócrates tende a anelar filosófica e epistemologicamente de seus interlocutores, assim como Arcesilaos, o apresentar da definição precisa duma “noção”, ou, usando uma terminologia posterior, um “conceito” usualmente de tom avaliador e ético-moral. O objetivo mais nuclear deste processo definitório seria, numa análise positiva e prosaica da dialógica atividade filosófica e epistemológica de Sócrates, auxiliar outrem a remover óbices em suas vacilantemente fundadas convicções primeiras. Neste senso, a discussão e oralidade tornar-se-iam meios mais efetivos, aos olhos de Arcesilaos e Sócrates⁶, do que a escrita para a realização deste “fim terapêutico”, haja vista que

² A prolifidade dos citados filósofos pode ser respectivamente vislumbrada, inda que de forma um tanto quanto exagerada, no *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio [D. L.]: V.42-50; VII.189-202; IV.11-14.

³ Plutarco, *De Alexandri Magni Fortuna aut Virtute*, 328a.

⁴ Tradução nossa.

⁵ A cronologia para os diálogos platônicos utilizada, trata-se: KAHN, Charles, *On platonic chronology*. In: ROWE, C. J., ANNAS, J., et alii (orgs.), *New perspectives on Plato: modern and ancient*, Cambridge (USA): Harvard University Press, 2003, pp. 120 – 145.

⁶ Caso se possa, de fato, atribuir quaisquer das palavras da personagem Sócrates em *Fedro*, 274c-278d à histórica e homônima pessoa, ter-se-ia neste diálogo platônico uma justificação extensa, *in locus classicus*, do não escrever socrático-efetivo. Justificativa livresca esta que, dalgum modo, pode vir a ter influenciado Arcesilaos a seguir os passos de seu “modelo filosófico”, pois, como atesta D. L., IV.32, o escolarca Acadêmico era grande admirador de Platão e também possuía um exemplar das platônicas obras completas.

permitiria aos indivíduos em questão articularem de modo prático e reflexivo seus pensamentos, como bem anseia a agenda filosófica antiga, ou conformá-los à ocasião e circunstância.

Como em “O Problema Socrático” [*the Socratic problem*]⁷ com toda sua secular extensão, prudência metodológica e interminável potência para fomentar querelas filosóficas, históricas e classicistas das mais recrudescidas, Arcesilaos, a fim de ser melhor investigado, deverá, sim, iluminar-se a partir de fontes indiretas. Fontes que como dito acima demandam *manuseio*, seleção, juízo e utilização assaz cautelosos para não se obter uma imagem antitética contraproducente ou inverossímil histórico-filosoficamente. Neste esteio e preocupação desvenda-se esta série de artigos, a qual se inicia com a análise da obra de Agostinho de Hipona no que essa habilita-se a tratar, ou não tratar, dos pensamento e práxis filosófica de Arcesilaos e, em sentido indireto, da Academia Média/“Cética”⁸.

Agostinho de Hipona e o *Contra Academicus*

Dentro das análises das “fontes bibliográficas Clássicas”, existem aquelas girantes no eixo da desistência, obras contraproducentes ao estudo rigoroso, escritos que devem ser conhecidos a fim de se evitá-los. O livro *Contra Academicus*, escrito por Agostinho de Hipona *circa* 386 d.C., trata-se de obra facilmente incluída num “*Index Librorum Prohibitorum*” de qualquer estudioso de Arcesilaos de Pitanê, e da Academia Média, que não queira ceder a especulações quiméricas de qualquer ordem em História da Filosofia. Conhecer essa obra, naquilo que pode comprometer os *arcesilaosianos* estudos, significa evitar um longo e “esotérico” cogitar na reconstrução da práxis filosófica mais empiricamente provável do “escolarca de Pitanê”.

O *Contra Academicus* faz-se o mais antigo e sobrevivente escrito de Agostinho de Hipona, composto pouco após sua conversão ao Cristianismo⁹. O motivo para o seu preferir no presente conjunto de investigações histórico-filosóficas, descansa exatamente na relação filosófica genérica que o seu autor logra com a Antiguidade Clássica e Helenística dada sua cristã conversão. Como se percebe, por exemplo, no

⁷ Cf. VLASTOS, G., *Socrates: ironist and moral philosopher*, Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 1-20; 45-106.

⁸ *Circa* de 266 a.C.~156 a.C..

⁹ Cf. DENNIS, Phillip W. *The three Augustines of Contra Academicus*. *Fordham University Theological Publications*, Nova Iorque: 2 - 6, dez. 2007.

tratamento que Agostinho dá à relação “corpo” [σῶμα] e “alma” [ψυχή], a partir de sua peculiar leitura do *Fédon* platônico, o filosofar agostiniano em diversos momentos atua através duma “deformação” conceptual de prévios filósofos pagãos¹⁰. Isto é, inúmeros argumentos, elementos sistemáticos e raciocínios de prévios filósofos greco-romanos adentram na escrita de Agostinho desarticulados de seus contextos originários, apenas para exercerem as funções de supostas confirmações das agostinianas afirmações já que seriam entonces celebrados como de qualidade, veracidade e valor acima de qualquer suspeita. As referências, apontamentos e julgamentos que Agostinho teceria acerca da Filosofia não-cristã que o precede viriam, de forma geral, “corrompidos” ou reformados por uma ótica cristianizadora.

Todavia, poder-se-ia em alguns momentos iniciais da *augustini opera*, como o mencionado *Contra Academicus*, pinçarem-se frases onde Agostinho demonstra-se sinceramente inclinado a louvar a filosofia pagã anterior, principalmente platônica e socrática, quiçá destituído de quaisquer interesses “recônditos” ou filosóficos-cristãos. Um destes momentos mais, dir-se-ia, “leve” e aparentemente não tocado pela conversão cristã do filósofo, fita-se justamente em *Contra Academicus*, III.17.37:

Igitur Plato adjiciens lepori subtilitatie Socraticæ quam in moralibus habuit, naturalium divinarumque rerum peritiam, quam ab eis quos memoravi diligenter acceperat; subjungesque quasi formatricem illarum partium, judicemque dialecticam, quæ aut ipsa esset, aut sine qua sapientia omnino esse non posset; (...).

Com polidez e exatidão, Platão à socrática moralidade [moralibus] adicionou o empírico conhecimento [peritiam] das cousas naturais e divinas, o qual com grão zelo adquirira daqueles que mencionei, e ambas sujeitou, como um coordenador [formatricem illarum partium] e juiz, à dialética, que é a sabedoria em-si-mesma ou o quê sem a qual a sabedoria é de todo impossível; (...).¹¹

A existência de passagens como a supra, não significa necessária e obrigatoriamente que Agostinho possa ser, com o devido cuidado e análise, uma fonte confiável para os estudos de Arcesilaos e da Academia Média/“Cética”. No âmago mais indenegável, as gabadelas agostinianas no tocante à Filosofia greco-romana de filiação pagã pouco se predispõem a serem mais do que arroubos encomiásticos incapazes de ofertarem um vislumbre, menos oratório-genérico e mais filosófico-específico, de seus alvos. Em geral, tais agabamentos dados por Agostinho a certos pensadores pagãos prévios abancam-se antes de tudo no modo como a Tradição filosófica, cultural ou

¹⁰ Cf. AUGUSTINE, *The essential Augustine*, edição, tradução e seleção: Vernon J. Bourke, Indianápolis: Hackett Publishing Co., 1974, 2ª ed., pp. 62 - 63; 123 – 139.

¹¹ Tradução nossa.

historiográfica tendeu a enaltecer tais pensadores, sendo, por isto mesmo, espécies de gabações de “segunda mão” por basearem-se em “pré-juízos”.

A hipótese de servir-se de *Contra Academicus* – a despeito de eventuais intromissões ideológico-cristãs e exageros tão-só laudatórios nas análises agostinianas –, devido a essa agir a guisa dum “portal” de acesso a fontes bibliográficas perdidas ou privilegiadas sobre temas Acadêmicos e correlatos, cai por terra quando se analisa o livro com mais cautela. *Contra Academicus* exclusivamente se utiliza da ciceroniana *Academica*, conforme ratificam passagens como a de III.45, na qual é recomendado à “personagem” Licinius a leitura da referida obra de Cícero a fim de se inteirar mais da temática discutida. Em verdade, uma preocupação recorrente de *Contra...* é derruir a autoridade de Cícero no tocante às suas cétricas interpretações e “historiografias” da Academia¹², justificando em cômputo terminal a defecção do próprio Agostinho da influência filosófica ciceroniana. Considerando que hoje se possui pleno acesso a estáveis edições da *Academica*, e *Contra Academicus* baseia-se de forma exclusiva em variáveis e dados dispostos no livro de Cícero, torna-se supérfluo buscar na agostiniana “brochura” qualquer *arcesilaosiano* elemento histórico-filosófico já não conhecido previamente.

Não deixa de ser curioso que apesar de todos os óbices supraditos no uso de Agostinho para o estudo de Arcesilaos, helenistas e acadêmicos do porte de Augustus Geffers¹³ tenham se utilizado de *Contra Academicus* para constituir um quadro da atividade filosófica *arcesilaosiana*. Mesmo que, conjuntamente a Geffers, queira-se ignorar toda problemática das fontes e a genérica maneira vacilante pela qual Agostinho relaciona-se com a pagã filosofia greco-romana, as conclusões e proposições agostinianas detêm serventia nula quando se almeja pintar um quadro que prime pela maior clareza possível no tangente a Arcesilaos. Agostinho cria uma linha-de-fuga argumentativa face aos tons filosófico-céticos imputados a Arcesilaos por Cícero na *Academica*, ao propor a existência e vigência de “doutrinas secretas” na Academia platônica¹⁴. O melhor modo de compreender com maior nitidez a posição agostinista

¹² Cf. Agostinho, *Contra Academicus*, III.14.

¹³ Cf. GEFFERS, A., *De nova Academia Arcesilæ auct. constituta*, Göttingen: Ernesti Augusti Huth, 1842, p. 18.

¹⁴ A ideia do agostinismo de que existem “doutrinas secretas” na platônica Academia trata-se de uma proposição nem de longe inovadora ou inaudita no Mundo Antigo, mas tão-só uma prova a mais de que Agostinho é um pensador inúmeras vezes antenado a prévios lugares-comuns da historiografia, cultura ou filosofia pagãs. No presente caso, revela-se uma ideia extremamente em voga no decurso de todo o período Helenístico e Antigo Tardio o atribuir tons secretos, iniciáticos ou inescritos às doutrinas de quase todas as grandes “escolas”, “seitas” e “mestres” filosóficos de filiação grega. Porfírio em *Vita*

quanto ao suposto apanágio “velário” da filosofia de Arcesilaos, dá-se no esteio de *Contra Academicus*, III.17.38:

[...] prudentissime atque utilissime mihi videtur Archesilas, cum illud late serperet malum, occultasse penitus Academiae sententiam, et quae aurum inveniendum quandoque posteris obruisse. Quare cum in falsas opiniones ruere turba sit pronior, et consuetudine corporum omnia esse corporea facillime, sed noxie credatur; instituit vir acutissimus atque humanissimus, dedocere potius quos patiebatur male doctos quam docere quos dociles non arbitrabatur. Inde illa omnia nata sunt quae novae Academiae tribuuntur, quia eorum necessitatem veteres non habebant.

[...] em minha opinião, Arcesilaos agiu prudentíssima e utilissimamente, uma vez que o mal arrastava-se por toda a parte, ao totalmente ocultar o pensamento [sententiam] da Academia, e enterrá-lo como se fosse ouro a ser descoberto nalgum momento pela posteridade. Assim sendo, visto que a turba é propensa a precipitar-se em falsas opiniões e, mesmo que noxiosamente [noxie], a facilmente acreditar, devido ao seu conhecimento empírico [consuetudine] do corpo, que tudo é corpóreo, (Arcesilaos) muito sábia e humanitariamente preferiu reeducar todos os que foram erradamente ensinados do que ensinar aqueles que, segundo julgava, de forma alguma podiam ser instruídos. Destas circunstâncias, originou-se tudo que é atribuído à nova Academia, (ensinamentos) para os quais os seus predecessores não tinham necessidade.¹⁵

O trecho supra na sua atribuição dum apelo “esotérico” à práxis filosófica de Arcesilaos e transformação da Academia, mesmo enquanto “cética”, num encerro de cunho “iniciático” que dalgum modo prefigura o surgimento da própria Igreja, outrossim se harmoniza ao temor de Agostinho do estoicismo¹⁶. Modelando Arcesilaos uma sorte de silente mantenedor ostensivo da Tradição platônica, isto é, um

Plotini, 3, relata como Plotino, Orígenes e Herennius empreenderam um pacto, quebrado pelos dois últimos, para não revelarem quaisquer das doutrinas que Ammonius ensinara-lhes. Clemente de Alexandria nas *Stromata*, V.9, não só afirma a existência de “doutrinas veladas” em Pitágoras, Epicuro e Platão, como chega a magicar às positivas razões para a verdade velar em símbolos. O platônico Numenius de Apaméia, ao que tudo indica, tratou-se daquele que, na transição entre o Helenismo e a Antiguidade Tardia, descortinou-se o mais notório divulgador da crença de que o platonismo guardava um conjunto doutrinário secreto-iniciático. No tratado *Acerca das doutrinas secretas de Platão* de Numenius – do qual apenas um fragmento sobreviveu até os dias atuais (fr. 23dP) –, o filósofo propõe que o cerne do platonismo, os diálogos de Platão, além de conterem “secretas doutrinas” deverão ter seus principais aspectos interpretados de modo alegórico, porque assim foram compostos por seu autor originário. Agostinho, via Eusébio de Cesareia, travou contato com a obra de Numenius, tacitamente justificando a partir dele, ou mesmo através de Clemente de Alexandria, à sua crença nas “doutrinas secretas” platônicas. Porém, mesmo que porventura Agostinho desconhecesse tais influentes e pregressas obras e autores citados, o divisar duma veladura e alegorização no âmago do platonismo não seria um total devaneio, conforme se corrobora a partir de diversas passagens dos diálogos transicionais e tardios de Platão - indiscutivelmente de conhecimento agostiniano: *Fédon*, 62b; *Teeteto*, 180a-d; *Timeu*, 28c etc..

¹⁵ Tradução nossa.

¹⁶ Na contemporaneidade existirão autores que discordarão da presente análise preferindo dispor o Agostinho das primas obras como um não ferrenho oponente do estoicismo, pois vêm em produções como *Contra Academicus* grande débito do “filósofo de Hipona” para com a ética estoica em temas como, por exemplo, a “autonomia da virtude” e a “possibilidade de encarnado perfeccionismo moral”. Tais autores, como Wilfred Sellars, ignoram, entretanto, passagens como a disposta em *Contra Academicus*, III.17.38, onde Agostinho acusa Zenão de Citium dos mais graves equívocos e impiedades filosófico-“teológicas”, findando por impugnar todo o estoicismo que lhe sucedeu. Para melhor sondar-se a perspectiva de Sellars aqui rejeitada, vide: SELLARS, Wilfred. *Augustine and stoic tradition*. In: OTTEN, W., POLLMANN, K. (orgs.), *The Oxford guide to the historical reception of Augustine*, Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 2 - 3.

inconfessável dogmático que se utilizaria do suposto ceticismo só como *farce* criada numa época pouco propícia às especulações metafísicas que *a priori* tomaram o platonismo, e a interpretação das obras platônicas, durante a vigência da “Velha Academia”¹⁷, Agostinho fantasia “o filósofo de Pitanê” como o ideal oponente dos estoicos.

Considerações Finais

Numa análise historiográfico-filosófica perfunctória conceber-se-ia absurda a hipótese de Agostinho preocupar-se seriamente ou de modo mais recrudescido com os estoicos, haja vista que o último filósofo abertamente estoico digno de nota, Marco Aurélio *imperator*, morreu 174 anos antes do nascimento do “santo-filósofo” em Hipona. No séc. III d.C., Porfírio menciona um certo filósofo estoico-platônico chamado Trypho¹⁸, destarte sugerindo que mesmo após a morte de Marco Aurélio existiram pensadores que se nomeavam, direta ou indiretamente, estoicos. Entretanto, o fato é que posposto o falecimento de Marco Aurélio, poucos filósofos que nos tenham legado obras intactas, ou dignas de comentários extensos-filosóficos, desta forma nomearam-se. Apesar de nenhum estoico filósofo, claramente atinável ou digno de menção, desvendar-se após o término do séc. II d.C., isto não significa que o estoicismo, ou seja, o conjunto de doutrinas filosóficas concebidas originalmente pelos filósofos estoicos, desapareceu ou deixou de descortinar-se influente no cenário do Pensamento. Alexandre de Afrodísias, ao longo do séc. III d.C., desenvolve ampla polêmica contra diversas conceituações do estoicismo, e Plotino, um dos incontestáveis pais do neo-platonismo, secretamente recheou sua *magna opera*, *As Enéadas*, de doutrinas oriundas dos estoicos¹⁹. Até na já agonizante Antiguidade filosófica e princípio da medievalidade no séc. VI d.C., quando o próprio Agostinho tinha falecido,

¹⁷ Um coruscante retrato do pendor da “Velha Academia” (347 a.C. - 274 a.C.) pelas especulações metafísicas surdinar-se-ia em Speusippus e, principalmente, na sua “Doutrina dos Princípios Primeiros”. Mistura doutrinária das cabeiras lucubrações de Platão acerca da “Unidade” e “Multiplicidade”, como as observáveis em diálogos como *Timeu*, e ideário pitagórico, a “Doutrina dos Princípios Primeiros” instila-se de intrincada metafísica com fortes contornos matemático-numerais à medida que se impõe à guisa de elemento fundamental, conjuntamente à “Teoria das Formas/Idéias”, na leitura do platonismo por Speusippus e, conseqüentemente, na da “Velha Academia” que lhe seguiu. Para um extenso retrato, apesar de nalguns momentos controverso, da “Doutrina dos Princípios Primeiros”, e demais temas relativos à metafísica de Speusippus e sua relação com Platão, vide: DILLON, J., *The heirs of Plato: a study of the Old Academy (347 - 274 B.C.)*, Nova Iorque: Oxford University Press (USA), 2003, pp. 40 - 64.

¹⁸ Cf. Porfírio, *Vita Plotini*, 17.

¹⁹ Cf. Porfírio, *Vita Plotini*, 14

o filósofo e ἐξηγητής [comentador] Simplicius dedica-se com fervor a comentar o *Enchiridion* [Ἐγχειρίδιον] do estoico Epicteto. Logo, se na época de composição de *Contra Academicus* não se encontravam filósofos declaradamente estoicos, o estoicismo, com toda sua ampla e influente gama de doutrinas intrínsecas, até então se protraía vigoroso e, aos olhos do agostinismo, “periculoso” o suficiente para demandar uma “apropriação indébita” e “deformação conceitual” da Academia para fazer-lhe frente.

Esquadrinhando com paúra as ideias “teológicas” do estoicismo, como, por exemplo, a mortalidade da alma e a materialidade de Deus²⁰, Agostinho encontra em Arcesilaos, devido a querela que esse desenvolve contra a “escola” estoica de seu tempo, o perfeito “campeão”. O “modelo filosófico” exemplar na causa agostinista contra o “maligno e sensualista” dogma estoico²¹. Parcela vital na fabricação deste “campeão” passa pelo preenchê-lo de ideais, ainda que velados ao vulgo na sua especificidade, “platônico-esotéricos” e “Acadêmico-tradicionistas” para que toda a oposição erguida por Arcesilaos contra os estoicos tenha um distante sentido metafísico-transcendente e tom, inda que toscamente trabalhado, salvífico e proto-cristão. Em cômputo cabeiro, a linha-de-fuga argumentativa agostinista não exerce tão-só a função de afastar de Arcesilaos uma eventual “essência doutrinal” cética e, com isto, o debaldar da interpretação de Cícero sobre a Academia Média e seus primos escolarcas. Mas, simultaneamente, emprega meios sub-reptícios para articular a contenda de Arcesilaos com o estoicismo à rixa que Agostinho lograva, por razões metafísico-cristãs outras, com a mesma “escola” ou, melhor dizendo, sua doutrina e “teologia”.

Agostinho de Hipona, e o seu *Contra Academicus*, por mais que tenham gozado de prestígio na aurora da contemporaneidade enquanto apropriados “portais de acesso”

²⁰ Cf. Agostinho, *Contra Academicus*, III.17.38.

²¹ Como se pode de pronto perceber caso se tenha como “pícnês” a História da Filosofia, a “corrente filosófica direta” ou “escola” estoica abrange um período, entre seu fundador, Zenão de Citium, e um dos cabeiros a ativamente propugnar idéias estoicas, o imperador romano Marco Aurélio, de cerca de 450 anos, gerando, assim, um ideário vasto e quiçá multifacetado. Segundo o testemunho de Sedley, a “escola estoica” atravessa pelo menos três fases históricas e cinco “identitárias”, no mínimo podendo apresentar reflexões que entendam diversamente no quê consistiria “ser um estoico” como, numa situação extrema, específicas propostas filosóficas antitéticas entre si [cf. SEDLEY, David. The school, from Zeno to Arius Didymus. In: INWOOD, B. (org.), *The Cambridge companion to the Stoics*, col.: *Cambridge companions to philosophy*, Nova Iorque: Cambridge University Press (USA), 2003, pp. 7 - 32]. No mérito específico da questão “teológica” e filosoficamente “preocupante” para Agostinho em *Contra Academicus*, contudo, a ampla duração do estoicismo na Antiguidade, e suas distintas “fases”, nada influenciam de modo terminal, porque a questão de “Deus”, e sua construção relacional com a “Natureza” ou “Cosmos”, revelam-se dum modo unificado por toda a duração do estoicismo Antigo (cf. BONHÖFFER, A., *Epiktet und die Stoa*, Stuttgart: Enke, 1890, p. 80; BONHÖFFER, A., *Die Ethik des Stoikers Epiktet*, Stuttgart: Enke, 1894, p. 244).

a Arcesilaos e diversos escolarcas platônicos pós-“Velha Academia”, através dum escrutínio filosófico das motivações agostinistas vê-se que a força motriz, e quiçá exclusiva, no “avizinhar-se” do pensamento pagão é patrística. A despeito de eventuais e prováveis encômios à filosofia pré-cristã, uma aparente bonomia para com o platonismo e suas diversas vicissitudes, ou, ainda, uma erudição invejável nas “fontes Clássicas” precedentes, *Contra Academicus*, e o seu autor, tão-só anseiam combater a descrença na nascente teologia cristã, comum entre os não-convertidos e pagãos d’outrora. Monumento pétreo da patrística, *Contra Academicus* é somente um meio relativamente elaborado de opor-se ao paganismo por meio duma apologética da nova religião (cristianismo), nem que para tanto, à guisa de um filosófico-literário *deus ex machina*, pareça amiúde se calcar em argumentos e conceitos procedentes da filosofia grega para, assim, rechaçá-la.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGOSTINHO. *The essential Augustine*, edição, tradução e seleção: Vernon J. Bourke, Indianápolis: Hackett Publishing Co., 1974, 2ª ed..

AGOSTINHO. *Contra Academicus libri tres*, col.: *Documenta catholica omnia*, Vaticano: Cooperatorum Veritatis Societas, 2006.

BERNARDAKIS, G. N. (ed.). *Moralia*, Leipzig: Teubner, 1888-1926, 7 vols.

BONHÖFFER, A., *Die Ethik des Stoikers Epiktet*, Stuttgart: Enke, 1894.

_____. *Epiktet und die Stoa*. Stuttgart: Enke, 1890.

BURNET, J. (ed.). *Platonis opera*. Oxford: Clarendon Press, 1907-1910, 5 vols..

CREUZER, F. (ed.). *Plotini opera omnia; Porphyrii liber de Vita Plotini cum Marsili Ficini Commentarius*. Oxford: Oxford University Press, 1835, 3 vols..

DENNIS, Phillip W. The three Augustines of *Contra Academicus*. *Fordham University Theological Publications*. Nova Iorque: 1 - 25, dez. 2007.

DES PLACES, E. (ed.). *Numénius - fragments*, col.: *Collection des universités de France*. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

DILLON, J. *The heirs of Plato: a study of the Old Academy (347 - 274 B.C.)*. Nova Iorque: Oxford University Press (USA), 2003.

DINDORF, W. (ed.), *Clementis Alexandrini opera*, Oxford: Oxford University Press, 1869, 4 vols.

GEFFERS, A. *De nova Academia Arcesilæ auct. constituta*, Göttingen: Ernesti Augusti Huth, 1842.

HANKINSON, R. J., *The sceptics*, col.: *The arguments of the philosophers*. Nova Iorque: Routledge, 1998.

INWOOD, B. (org.), *The Cambridge companion to the Stoics*, col.: *Cambridge companions to philosophy*. Nova Iorque: Cambridge University Press (USA), 2003.

MARCOVICH, M. (ed.), *Vitarum philosophorum libri, vol.I: libri I – X*, col.: *Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*. Munique: K. G. Sauer Verlag, 2000.

OTTEN, W., POLLMANN, K. (orgs.), *The Oxford guide to the historical reception of Augustine*, Oxford: Oxford University Press, 2013.

ROWE, C. J.; ANNAS, J.; *et alii* (orgs.). *New perspectives on Plato: modern and ancient*, Cambridge (USA): Harvard University Press, 2003.

VLASTOS, G., *Socrates: ironist and moral philosopher*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.